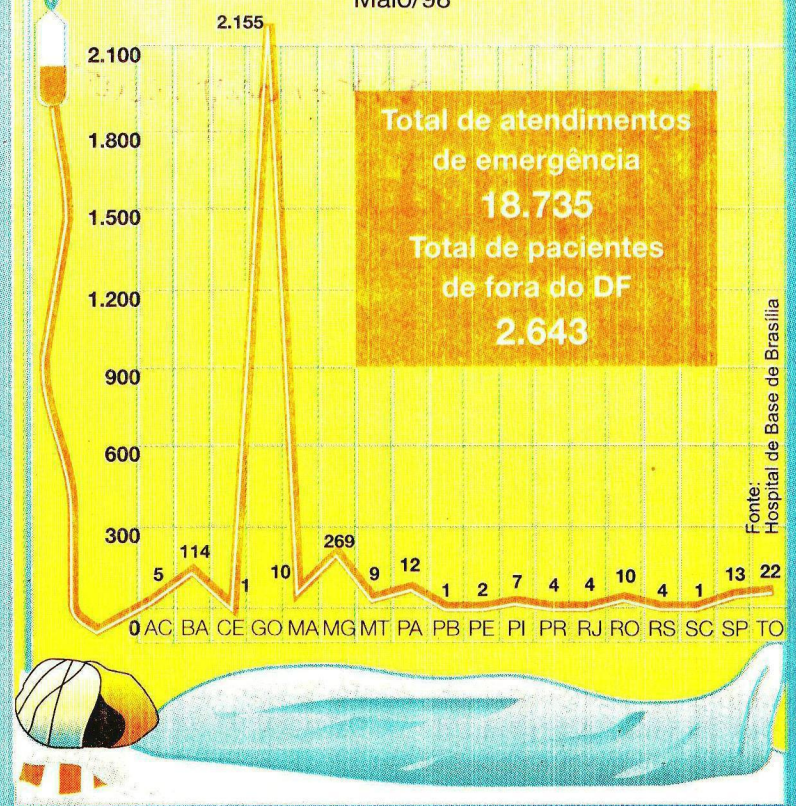


Origem dos pacientes de emergência do HBB

Maio/98



Pacientes goianos são 10% dos atendimentos de emergência do HBB

Rodrigo Bittar
de Brasília

Talvez a situação mais problemática vivida pelo Distrito Federal em relação aos seus imigrantes seja a questão da saúde pública, acostumada a receber pacientes do "Oiapoque ao Chuí", como diz o chefe do Setor de Emergência do Hospital de Base de Brasília (HBB), Luiz Pinto Fernandes. No último mês de maio, do total de 18.735 pacientes atendidos pela emergência, 2.643 moravam fora do DF. É como se o HBB reservasse 4,3 dias do mês para atender exclusivamente a essa demanda externa.

De todos os outros estados da federação, Goiás é disparado o que mais gente envia para ser atendida pela Rede Hospitalar do DF (2.155 pacientes atendidos no HBB em maio). "O pior é que o Sistema Único de Saúde paga as AIH (Autorizações para Internação Hospitalar) aos municípios que fazem o atendimento primário aos pacientes. Nós, que fazemos os trabalhos mais complexos, não recebemos nada", reclama Fernandes.

Segundo o diretor, o Setor de Emergência tem 210 leitos e 40 médicos por plantão. "Os médicos são suficientes, o problema é que o tanto de gente que nos procura faz faltar pessoal de enfermagem, equipamentos e leitos", acrescenta.

Uma solução apontada pelo diretor é o que vem sendo feito no interior dos estados de São Paulo e de Minas Gerais, os chamados consórcios de saúde, sistema no qual alguns municípios se juntam e montam um hospital - normalmente de nível secundário - repassando para os centros de ponta apenas os casos de alta complexidade, como neurocirurgias, oncologia, cardiologia. "Muitas das pessoas que vêm aqui tem problemas tão simples que bastava procurar um posto de saúde. Com isso, quem tem uma simples dor lombar pode competir com casos mais graves, como fraturas". O exemplo da Ortopedia é o mais emblemático, pois, segundo a estatística do hospital, mais da metade dos casos atendidos são de pessoas de fora do DF.

Em maio, foram registrados 75 óbitos no pronto-socorro do HBB. Desses, 29 foram casos de politraumatizados, e 22, de cardiologia. "Com certeza, esses últimos teriam um atendimento bem melhor se não houvesse a procura dos pacientes de outros estados", garante Fernandes. Quanto aos politraumatizados, o diretor diz que nesses casos, os índices não seriam

melhorados porque muitas vezes as pessoas chegam com um quadro extremamente grave.

Outra área onde o impacto da imigração é registrado pelas autoridades distritais é a segurança. Dados da Coordenação do Sistema Penitenciário do DF (Cosip) mostram que a maioria dos presos do DF tem origem na própria unidade federativa. Em seguida vêm os estados de Goiás e Minas Gerais. Esses dados fazem parte de um estudo solicitado pela Secretaria de Segurança do DF que deverá desenvolver uma política específica à luz dessas informações.

Segundo o coronel Antônio de Castro Filho, coordenador de Planejamento e Operações da secretaria, o levantamento permitirá avaliar detalhes da situação de quem está preso ou esperando julgamento e comparar as informações deste ano com as do ano passado.

Imóveis

Mas não são só as más notícias que acompanham quem vem tentar a sorte em Brasília. Um setor especialmente mantém boas relações com esse público.

A cada legislatura do Congresso Nacional desembarca na cidade um público de classe média alta e classe alta disposto a encontrar um lugar para morar. É quando entra o mercado imobiliário na história. Wildemir Antônio Demartini, diretor da construtora Royal e um dos diretores da Ademi (Associação dos Dirigentes de Empresas do Mercado Imobiliário), acredita haver um potencial muito alto nesse grupo. "Antes chegavam à Brasília pessoas com potencial econômico mais alto, como profissionais liberais e comerciantes. Agora, o mais comum é chegarem pessoas sem qualificação buscando empregos menos especializados, na construção civil. Mas ainda têm os assessores de parlamentares, que são um importante grupo para o setor".

Demartini acredita também que o mercado imobiliário do DF tem condições de atender a essa demanda por imóveis mais sofisticados e faz uma análise curiosa do relacionamento desses imigrantes com a capital federal. "No início, as pessoas estranham o ambiente e alugam um apartamento. Com o passar do tempo, as crianças gostam, os jovens também, e os pais vendem o apartamento que têm em outras cidades, compram um aqui, e acabam ficando e descobrindo a economia privada do DF", lembra.